

## **RELATÓRIO DE CARACTERIZAÇÃO**

(Proposta REGULAMENTO DE SALVAGUARDA DAS ALDEIAS SERRANAS

Documento complementar)

## **ÍNDICE**

### **PARTE I. APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO**

1. Nota introdutória
2. Objeto e metodologia
3. Enquadramento estratégico de âmbito municipal e local

### **PARTE II. ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO**

1. SISTEMA DE PAISAGEM SERRANA: subunidade Serra de Sicó
2. UNIDADES DE ALDEIAS SERRANAS
  - 2.1. Alcaria (freguesia de Abiul)
  - 2.2. Aroeiras (freguesia de Abiul)
  - 2.3. Arrosteia (freguesia de Pombal)
  - 2.4. Brinços (freguesia de Abiul)
  - 2.5. Castelo (freguesia de Vila Cã e Abiul)
  - 2.6. Chão de Ulmeiro (freguesias de Vila Cã e Abiul)
  - 2.7. Ereiras (freguesia de Redinha)
  - 2.8. Poios (freguesia de Redinha)
  - 2.9. Pousadas Vedras (freguesia de Redinha)
  - 2.10. Vale (freguesias de Vila Cã e Pombal)
  - 2.11. Pousavas Vedras: muros em pedra calcária (freguesia de Redinha)

### **3. CONCLUSÃO**

### **4. BIBLIOGRAFIA**

## PARTE I. APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO

### 1. NOTA INTRODUTÓRIA

O âmbito deste relatório é a caracterização de um conjunto específico de unidades do município de Pombal: as aldeias de natureza serrana, com vista a contextualizá-las ao nível do seu património cultural.

Pretende-se a construção de um documento que sirva enquanto plataforma essencialmente orientadora e complementar ao Regulamento de Salvaguarda das Aldeias Serranas, dispensando-o, por um lado, de conteúdos e temáticas demasiado descritivos que não se compaginam com a estrutura normativa de um regulamento, por outro lado, que o suplemente de informações que se espera poderem contribuir para a sua correta consulta, interpretação e aplicação.

A temática deste relatório centra-se portanto no património cultural das aldeias serranas, e é conduzido pela vertente da salvaguarda, metodologicamente assente na valorização e nas práticas de proteção da arquitetura e do urbanismo. Em última instância é também este o fim do Regulamento e sobretudo o do seu promotor, a Câmara Municipal de Pombal.

Além de uma ação que procura (re) conhecer uma parte substancial dos recursos patrimoniais do concelho, a produção deste relatório e do regulamento de salvaguarda são uma disposição concertada para o desenvolvimento do processo de planeamento e ordenamento do território que, não raras as vezes, é o ponto de partida para a própria evolução do urbano. Não basta então fazer um levantamento da arquitetura e do urbanismo. A salvaguarda passa pela aplicação de fórmulas ajustadas aos contextos e aos elementos sobre os quais opera.

No seguimento, na elaboração dos dois documentos escritos houve a necessidade de trabalhar a arquitetura e o urbanismo não só como componentes distintas, de maneira a caracterizar-lhes as individualidades constitutivas pela análise tipo-morfológica, pela materialidade, pelas práticas de construção, pelo cromatismo. Houve igualmente a necessidade de os articular com os contextos conceptuais e teórico-práticos que

atualmente trabalham as questões patrimoniais quer ao nível municipal quer ao nível nacional, com os contextos paisagísticos, naturais e estratégicos onde se inserem, e por fim, populacionais, de forma a avaliá-los como uma identidade cultural. É a esta última necessidade que se reporta o presente relatório.

## **2. OBJETO E METODOLOGIA**

As aldeias consideradas para integrar este Relatório de Caracterização tratam-se de aglomerados populacionais implantados no “sistema serrano”, cuja extensão compreende uma área de cerca de 7603 hectares, dos quais 70% estão classificados como “Sítios de Importância Comunitária”, incluídos em programas de salvaguarda como a Rede Natura 2000, Sítio Sicó/Alvaiázere, Rede de Aldeias do Calcário.

Considerando que o contexto de intervenção de nível macro a que diz respeito este Relatório de Caracterização é a Serra de Sicó, foi desde a partida relevante que o enquadramento estratégico fosse informado por duas linhas de análise capazes de abranger os sistemas de proteção e valorização da paisagem cultural: os de âmbito natural e os de âmbito construído.

Ambos produzem e são produtos da ação humana sobre o território, cujo efeito mais imediato é a urbanização do território, vertida em construções e infraestruturas de definição do espaço público, em suma: expressões urbanísticas de uma comunidade.

É precisamente por este relatório ter sido conduzido por essas duas linhas de análise que o levantamento do património arquitetónico vernacular se estendeu a um outro modo de conhecimento, além daquele acedido por construções de tipo habitacional: foi necessário refletir a inter-relação espaço urbano – espaço rural. Quer para se perceber o efeito que as diferentes disposições geográficas da Serra de Sicó significam para a arquitetura vernacular, quer porque se verificou um caso excecional – Pousadas Vedras – cuja paisagem rural tem uma expressiva intenção arquitetónica de organização de espaço com raiz tradicional, mais permanente que os próprios exemplos de arquitetura habitacional.

Numa explicação metodológica, pois não existe um estudo prévio que pudesse sugerir quais as aldeias a integrar no âmbito da salvaguarda das suas características arquitetónicas e urbanísticas, foi fundamental orientar este relatório como um levantamento sistemático que as consentisse admitir, ou não, enquanto hipóteses.

Para tal, foi útil monitorizar individualmente cada uma destas aldeias, procedendo primeiro a um levantamento dos exemplares arquitetónicos e urbanísticos, com o objetivo de identificar os aspetos morfotipológicos, as particularidades vernaculares, as suas problemáticas e as possíveis tendências operativas. Seguiu-se a produção de um estudo de exposição, acompanhado por suporte fotográfico e um mapa de identificação que reúne todos os imóveis sinalizados. Por fim, e a título de resumo operativo, foram listadas as características vernaculares, para que possam ser criados critérios de regulamentação ajustados à sua gestão e desenvolvimento arquitetónico-urbanístico e que atuem na salvaguarda e valorização dos seus distintos e potenciais tipos.

É esta a estrutura base do Relatório de Caracterização que constitui o presente documento, cuja finalidade é sistematizar o património construído de origem vernacular e serrana que, para todos os efeitos, agiu e age na formação da cultura arquitetónica e urbanística pombalense e também assim, portuguesa.

### **3. ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO DE ÂMBITO MUNICIPAL E LOCAL**

O desenvolvimento estratégico e operacional de uma unidade específica que integra uma estrutura urbana mais complexa, de dimensão concelhia, pressupõe sempre o conhecimento dessa mesma estrutura. Preocupação que, em boa verdade, tem sido uma constante na estratégia patrimonial do município, mas à qual se reconhece a falta de um acompanhamento e análise mais direcionados, em particular no que aos quadros da salvaguarda e da arquitetura diz respeito.

O Município de Pombal conta atualmente com um estudo sobre o seu património cultural imóvel, vertido em fichas de caracterização e elaborado como um documento complementar à 1ª revisão do Plano Diretor Municipal (2013), que recai sobre os

exemplos arquitetónicos, paisagísticos, naturais, aos quais se reconhecem mais-valias de referência patrimonial e cultural de níveis municipais, nacionais ou supranacionais.

No entanto, no que respeita o património de base arquitetónica, este documento fixa-se em imóveis, sinalizados e valorados de forma individual, destacando-se os exemplares de arquitetura civil (habitação) e de arquitetura religiosa (igrejas e capelas). Sobre aglomerados urbanos, apenas a aldeia de Vale (Freguesias de Pombal e Vila Cã), integra o estudo, ainda que sem qualquer desenvolvimento crítico.

É, pois, esta última dimensão que, tal como foi dito anteriormente, se pretende explorar neste estudo, a fim de cumprir com alguns dos objetivos do próprio Plano Diretor Municipal, que no 25.º artigo do capítulo II relativo ao sistema patrimonial, refere:

*“O sistema patrimonial integra os bens imóveis de valor cultural que, pelas suas características, se assumem para o Município, como valores de reconhecido interesse histórico, arquitetónico, arqueológico, artísticos, científico, técnico ou natural, quer se encontrem ou não classificados”.*

Enquanto exercícios de análise, os aglomerados urbanos são dos exemplos mais eloquentes para se aceder aos diversos discursos e tipos que conformam o património cultural de uma comunidade, como aqueles que se encontram referidos na definição anterior. Em primeiro lugar por se tratarem do resultado de processos com contextos interdisciplinares. Depois porque admitem o confronto analítico com outros similares, fundamentando ou não a existência de padrões, modelos, matrizes, técnicas e práticas comuns, que informam as características, e talvez especificidades, da cultura urbanística e arquitetónica de um lugar.

O estudo direcionado a aglomerados urbanos de carácter essencialmente rural agrícola de origem serrana e vernacular é assim uma ferramenta que integra a pluralidade e diversidade do mundo urbano municipal, podendo ser um exercício autorreflexivo, como um ponto de partida para outros estudos multidimensionais, por exemplo, sobre tipologias arquitetónicas; sobre fatores de influência e/ou contribuição

patrimonial; sobre o impacto ambiental dos aglomerados urbanos para com o património de paisagem natural; sobre as disparidades ou similitudes técnicas entre aglomerados urbanos serranos e aqueles não construídos nas altimetrias da Serra de Sicó; sobre as evoluções técnicas arquitetónicas entre aglomerados urbanos tradicionais e contemporâneos; etc.

Não é sem razão que uma das mais expressivas linhas de força dos aglomerados urbanos de origem serrana e vernacular é poderem incorporar o conceito de património cultural como conceptualizado no ponto 6, do artigo 2.º da Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro):

*“Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.”*

Por tudo isto, a responsabilidade do Município de Pombal não se extingue na sinalização ou inventariação de bens patrimoniais, mas e ainda de acordo com os *princípios gerais* da Lei de Bases do Património Cultural, cabe-lhe, entre outros:

*“c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo.*

*d) Eficiência, garantindo padrões adequados de cumprimento das imposições vigentes e dos objectivos previstos e estabelecidos;*

*e) Inspeção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural;*

*f) Informação, promovendo a recolha sistemática de dados e facultando o respectivo acesso tanto aos cidadãos e organismos interessados como às competentes organizações internacionais;*

- g) Equidade, assegurando a justa repartição dos encargos, ónus e benefícios decorrentes da aplicação do regime de protecção e valorização do património cultural;*
- h) Responsabilidade, garantindo prévia e sistemática ponderação das intervenções e dos actos susceptíveis de afectar a integridade ou circulação lícita de elementos integrantes do património cultural;”*

O Plano Diretor Municipal prevê já que o licenciamento de qualquer obra sobre ou confinante a um bem imóvel de valor cultural classificado ou em vias de classificação de interesse nacional, público ou municipal, exige, além das condicionantes previstas na legislação em vigor, o prévio exame do impacto ambiental e concretização ponderada mediante o disposto no capítulo II (Sistema Patrimonial) do regulamento da 1ª Revisão. Todavia não dispõe de um instrumento competente de administração municipal que conforme as normais gerais e procedimentos e/ou orientações específicas de protecção e valorização necessariamente ajustados aos tipos e tipologias constituintes dos aglomerados urbanos de características tradicionais.

Face à situação de, infelizmente, acelerado desvirtuamento e deterioração dos tipos arquitetónicos e urbanísticos que conformam estes aglomerados, e no momento oportuno em que se procede à atualização dos instrumentos de gestão e ordenamento do território vertidos no Plano Diretor Municipal<sup>1</sup>, entende o Município que um Regulamento de Salvaguarda das Aldeias Serranas e um Estudo de Caracterização que o acompanhe, são dois instrumentos operativos que urgem compor e fazer executar.

---

<sup>1</sup> Veja-se a propósito que, segundo os domínios de intervenção do Plano Regional do Ordenamento do Território do Centro, devem as autarquias locais, em comparticipação com a administração local, “garantir, a nível de PDMS, que os PU ou PP venham a integrar as medidas de protecção e valorização do património arquitetónico e arqueológico, [...] o património rural e os conjuntos urbanos de relevância patrimonial” (CCDRC, 2011: 105).

## PARTE II. ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO

### 1. SISTEMA DE PAISAGEM SERRANA: SUBUNIDADE SERRA DE SICÓ

Entende-se por sistema de paisagem serrana a subunidade espacial que inclui a Serra de Sicó, constituinte da estrutura fundamental do relevo calcário do centro do país que separa as paisagens da orla litoral atlântica e as do interior.

No âmbito do Plano Diretor Municipal do Município de Pombal, e de acordo com o estabelecido no Plano Regional do Ordenamento do Território do Centro, a Serra de Sicó classifica-se como uma “área nuclear”, qualificada “Sítio de Importância Comunitária Sicó/Alvaiázere”, representando uma unidade fundamental da estrutura ecológica do município, quer no que ao suporte de vida natural diz respeito, quer àquele no qual se desenvolvem as atividades humanas, entre as quais, a urbanização.

O aproveitamento extensivo dos materiais endógenos da região para a composição da paisagem construída, reflete as características naturais que distinguem a paisagem da Serra da Sicó, marcada litologicamente pelas rochas calcárias e pelos solos mediterrâneos vermelhos (terra rossa). Imagem que tem vindo a ser substituída por outras tipologias e tipos arquitetónicos, produzindo a transformação da paisagem serrana e tradicional em paisagem sem distinção.

Situação tão mais grave quando se trata de uma rede urbana que não é compacta, mas composta por aglomerados populacionais implantados de forma dispersa e separados entre si, que dada a morfologia territorial marcada pelos intervalos de zonas de altimetria e zonas de baixa depressão, não admitem uma leitura de conjunto.

## 2. UNIDADES DE ALDEIAS SERRANAS

### 2.1 ALCARIA (*freguesia de Abiul*)

Alcaria funciona como a peça de transição entre a baixa e a alta topografias da vertente este da Serra de Sicó. Posição que pode ser concluída também para os tipos arquitetónicos que conserva no cadastro, pois encontram-se exemplos de arquitetura vernacular e de arquitetura contemporânea, cujos códigos construtivos e imagéticos não têm qualquer afinidade.

No âmbito do exercício de admissão ou exclusão de casos urbanos para integrar o regulamento de salvaguarda, Alcaria está à partida excluída, por tratar-se de uma povoação de parca densidade construtiva e, no seguimento, contabilizando poucos exemplares que possam compor um sólido conjunto arquitetónico passível de proteção específica. Acresce a esta condição a profunda descaracterização da arquitetura vernacular serrana pela condição de profunda ruína das estruturas das habitações ainda existentes e devolutas. Também, pela ação dessa não correlação entre estilos arquitetónicos resultantes da óbvia (e necessária) evolução da tipologia de habitação. No entanto, a carga significativa de Alcaria para este Relatório de Caracterização reserva-se na maior contabilização de exemplares da arquitetura vernacular por comparação a outras aldeias da vertente baixa da Serra de Sicó, tornando-se assim inteligível para o processo de descodificação das particularidades da arquitetura vernacular, como para o processo de constituição de uma imagem cultural que enfatiza a padronização de técnicas, elementos, materiais e pormenores das construções serranas do município.

2.1.1. Levantamento do património arquitetónico vernacular: Alcaria



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares





Duas construções, de tipo habitacional – 1 e 2 pisos – em situação de ruína estrutural, rua do Vale – Alcarías.

2.1.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Alcaria

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	Isolada	A maioria das habitações encontra-se implantada de forma isolada, ligeiramente próxima aos limites da via pública, aos quais a fachada principal se encontra paralela.	
	<b>Forma</b>	Retangular		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por vários edifícios que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelos, com sistema de barrotes de travamento de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Escadas interiores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
		Revestimento exterior	Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa.
		Revestimento interior	Pedra calcária e/ou argamassa de cal	Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.
		Vãos	Pedra calcária ou madeira	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe

			à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.	
	Guardas de vão	Não se aplica	Não se verificou a presença de guardas de vão	
	Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.	
	Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira e sem molduras de encaixe. Soleira em pedra calcária.	
	Portões	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
	Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.	
	Outros elementos	Não se aplica	Não há outros elementos a registar.	
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo ou de Marselha	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica	Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para as áreas de logradouro ou terrenos adjacentes às construções.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Por norma são muros com uma altura média de 1,5 metros, não ultrapassando a altura de uma pessoa.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Pedra calcária	Tipologia circular, sem pavimento, Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa.

## **2.2. AROEIRAS** (*freguesia de Abiul*)

A povoação de Aroeiras, implantada na baixa altitude da vertente sudeste da Serra de Sicó, caracteriza-se pela malha urbana disseminada ao longo do eixo de acesso principal, a rua Serra da Sicó, que atravessa a população de forma a ligar o IC8 (através da rua da Loureira) à cumeeira da Serra.

Não há, portanto, um centro nevrálgico da população, sendo a estrutura urbana de Aroeira difusa com outras vizinhas, precisamente por serem atravessadas pelo mesmo eixo da rua da Serra de Sicó: Chão de Ulmeiro, Carvalhal, Alcaria, ou terem outras ruas confinantes: Brinços.

A organização fundiária de grande profundidade, é das características mais marcantes da povoação e constitui-se uma permanência da matriz urbanística tradicional, não obstante a possível mutação dos marcos territoriais por ação de heranças ou alienações.

De certo modo é esta estrutura que serve de base para a composição disseminada do casario e da própria tipologia arquitetónica que o compõe, uma vez que encontramos em Aroeiras uma tipologia de habitação assente na dinâmica de herdade: composta por um edifício principal destinado a habitação e outras construções menores com função específica para o abrigo de animais – por norma de grande porte (vacas, bois, burros ou equídeos), mas sobretudo espécies cerealíferas – o que explica a dimensão ampla das divisões e a ausência de janelas ao nível do piso térreo, e a abertura da habitação e anexos para o interior de um pátio limitado por muros com altura nunca inferior à altura média de uma pessoa.

No contexto das particularidades arquitetónicas de raiz vernacular, a contribuição crítica de Aroeiras reside na conservação dos desenhos circulares das eiras integradas nas áreas de logradouro, e principalmente na manutenção de três exemplares da tipologia atrás descrita. Tratam-se de edifícios devolutos que, apesar do conjunto de patologias e níveis de degradação de algumas componentes, sobretudo no que às coberturas diz respeito, conservam as estruturas principais, passíveis de intervenção de reabilitação.

São exemplares que sobressaem pela tipologia atípica entre as habitações de imagem mais ou menos contemporânea que ao longo do tempo foram sendo construídas, rompendo as linhas arquitetónicas tradicionais e assim impulsionando uma feição urbana descaracterizada.

Ademais, é oportuno sublinhar que os imóveis sinalizados contribuem para a herança patrimonial da arquitetura vernacular serrana do município de Pombal pela diferença. São imóveis que conservam a construção em pedra calcária, típica da região, mas constituem já uma amostra da mutação das tipologias e das práticas de construção vernaculares perante a atualização da arquitetura pela proximidade ao centro urbano de Pombal e aos fluxos de mobilidade de bens e serviços. Condições que a geografia e orografia difícil do cume da Serra não possibilitou. Exemplo desta mutação é o revestimento das paredes exteriores por argamassa de terra e cal, que dificilmente se encontra nos edifícios construídos no cume da Serra, ou até noutras aldeias circunvizinhas, como Vale ou Arroiteia.

O património arquitetónico vernacular de Aroeiras, vertido nestes três exemplares, apresenta-se assim como o desenvolvimento dos códigos linguísticos da arquitetura serrana do município de Pombal, afirmando-se, até certo ponto, enquanto edificações cujo entendimento do valor patrimonial reside em si próprios.

Aroeiras é então uma aldeia cuja leitura patrimonial não pode ser feita enquanto aldeia, ou por outras palavras, não admite um regulamento de salvaguarda com critérios de proteção transversais à sua arquitetura como aquele desenvolvido a par do presente relatório. No entanto, concorre para um outro aspeto essencial da salvaguarda do património, que é a evolução dos tipos tradicionais, consentindo exemplos que são ferramentas fundamentais para se compreender os processos culturais da prática construtiva municipal ao longo dos tempos, bem como a interferência das geografias, da localização e da exploração fundiária na versatilidade de tipologias arquitetónicas serranas vernaculares.

2.2.1. Levantamento do património arquitetónico vernacular: Aroeiras



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares





Habitções e respetivos pormenores arquitetónicos característicos da arquitetura serrana vernacular, rua Serra da Sicó – Aroeiras, já numa perspetiva que remete para a evolução de tipos arquitetónicos e de práticas construtivas.

2.2.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Aroeiras

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas inclusas ao mesmo limite de propriedade	A maioria das habitações encontra-se implantada de forma isolada compostas por um conjunto de construções que formaliza o imóvel: habitação e arrumos para alfaias agrícolas e/ou abrigos de animais, adega, etc. Localizam-se à face da via pública, com a fachada principal da habitação perpendicular à rua. Reserva-se uma área destinada a quintal/logradouro no interior do conjunto da habitação e demais construções, funcionando como pátio de acesso a todas as construções inclusas aos muros da propriedade.	
	<b>Forma</b>	Retangular	A forma volumétrica varia consoante a disposição das construções. Mas por norma a habitação é um edifício retangular, que com as outras construções menores e muros de delimitação de propriedade compõem uma volumetria mais próxima ao quadrado.	
	<b>Composição morfológica</b>	Composição 2 pisos	Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável. Existem também outras construções menores, adjacentes e complementares à habitação, cuja composição é térrea, possivelmente com áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelos, com barrotes de travamento de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Não se aplica	Degraus de blocos únicos paralelepípedicos. Estrutura com preenchimento de terra e/ou entulho com pedras de vária granulagem.
		Escadas interiores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
		Revestimento exterior	Pedra calcária	Argamassa de barro e de terra, nalguns casos já com pintura em cal.
Revestimento interior		Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
Vãos		Pedra calcária	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular, talhadas, e nalguns casos esculpidas, com acabamento de encaixe à face dos paramentos, alguns casos	

				apresentando saliência de aprox. 2cm. Não há peitoris ou soleiras salientes face da moldura.
		Guardas de vão	Não se aplica	Sistema simples de estacado vertical de madeira.
		Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.
		Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Metal	Portões por norma de folha dupla composta por painéis e molduras em material metálico.
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Pedra calcária	Elemento saliente na fachada, fixado junto aos vãos superiores. Pedras trabalhadas na composição dos vãos.
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas ou quatro águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica de Marselha	Telha cerâmica de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Tijolo	Chaminé
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para os limites da via pública, para as áreas de logradouro ou para os terrenos adjacentes às construções. Verifica-se que o beirado saliente ao paramento age como elemento de proteção à fachada.
		Beirado	Telha cerâmica de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. A altura média é de 1,80m - 2m.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.

	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Não se aplica	As que existem tratam-se de elementos pertencentes a habitações que não constituem exemplos de arquitetura vernacular serrana. Sobre estas eiras: tipologia circular, sem pavimento. Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa (argamassa seca). Não se contabilizaram eiras no interior da povoação.

### **2.3. ARROTEIA** (*freguesia de Pombal*)

Localizada entre a base da vertente sudoeste da Serra de Sicó e o troço do IC8 que liga Pombal a Ansião, Arroteia é uma aldeia de reduzida dimensão, cujo centro nuclear é a Capela de Arroteia. A organização urbanística revela que se tratou de uma povoação na qual o casario se desenvolveu tomando a rua da Capela enquanto espinha dorsal do arruamento, tomando depois o rumo da rua do Barroco, em direção à vertente da Serra de Sicó, e a rua do Lamarão, em direção a poente.

Não obstante a pouca densidade urbana, o levantamento arquitetónico efetuado permite concluir que Arroteia contabiliza algumas construções características da arquitetura vernacular serrana. Trata-se de um conjunto que se divide entre construções destinadas ao abrigo de animais ou arrumo de alfaias agrícolas e habitações, contabilizando-se das últimas dois exemplares que, embora devolutos e sem cumprir os critérios de habitabilidade exigidos, conservam uma condição estrutural passível de uma intervenção de reabilitação.

No seguimento do anterior, importa referir que Arroteia contabiliza também algumas construções cujas intervenções de reabilitação/reconstrução seguiram a linguagem arquitetónica vernacular, tendo a maior-valia de a atualizar sem desvirtuar a sua essência.

Uma particularidade que importa reforçar em Arroteia e pode igualmente contribuir para justificar a sua integração num Regulamento de Salvaguarda, tem que ver com a conservação dos arruamentos com pavimento calcetado em blocos de pedra calcária. Trata-se de uma componente da realidade urbana que subsiste lado a lado aos pavimentos betuminosos, e que, como tal e por oposição, reproduz as formas e técnicas tradicionais, acrescentando gramática à linguagem, mas também imagem, vernacular da aldeia.

O que supõe uma sequência de questões importantes no desafio da proteção dos elementos e estruturas do espaço público, pois este é, talvez, o campo em que os critérios de salvaguarda se tornam mais porosos aos projetos urbanísticos de desenvolvimento, levando diversas vezes à inevitável destruição ou substituição.

Sumariando o caso de Arroteia, deve dizer-se que a atual manutenção dos padrões arquitetónicos vernaculares, ainda que feita por poucos exemplares e sobretudo realizada por construções que sofreram intervenções de reabilitação, concorre para a consolidação da uniformidade tipológica tradicional, constituindo por um lado uma afirmação deste legado, por outro um operador de integração de formas tradicionais que mantém (como se comprova) um carácter flexível, atual e de desafio para o futuro, a par de construções novas de solução arquitectónica mais contemporânea.

### 2.3.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Arroteia



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares



Habitções e pormenores arquitetónicos característicos da arquitetura serrana vernacular, rua da Capela – Arroiteia.



Habitções e pormenores arquitetónicos característicos da arquitetura serrana vernacular, rua da Capela e rua da Pregueira – Arroiteia.

2.3.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Arroiteia

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas incluídas ao limite de propriedade	A maioria das habitações encontra-se implantada de forma isolada (seja no caso de construções singulares, ou no caso de um conjunto de construções que formaliza um imóvel), localizada à face da via pública, mantendo a fachada principal da habitação paralela à rua. Reserva-se uma área destinada a quintal/logradouro junto à fachada traseira da habitação. Nalguns casos apresenta-se um espaço vacante – possivelmente por antes se ter tratado de um quintal, atualmente não cultivado – noutros casos contém construções menores – arrumos para alfaias agrícolas e/ou abrigos de animais, adegas, – de apoio à habitação.	
	<b>Forma</b>	Retangular	Verifica-se outras formas volumétricas, embora se tratem de casos onde ocorreram processos de reabilitação ou cujas estruturas estejam em avançado nível de ruína, podendo tratar-se neste último caso de uma construção não destinada a habitação, de volumetria maior.	
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por vários edifícios que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto, caso a empena assim o permita, servir para arrumo ou sequeiro.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelas, com moldura de barrotes de travamento ou sistema de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Escadas interiores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
	Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
Revestimento exterior		Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos	

				diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, sem qualquer pintura posterior.
		Revestimento interior	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Vãos	Pedra calcária	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Por norma não há peitoris ou soleiras salientes, exceto num ou outro caso onde o peitoril sobressai aprox. 2cm à face da moldura.
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.
		Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Madeira	Portões por norma de folha única, composta por tabuado de madeira, sem moldura de encaixe. Soleira em pedra calcária.
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Não se aplica	Não há outros elementos a registar.
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples. Verificam-se alguns casos, em construções menores cujas dimensões das águas diferem, bem como um outro edifício, de habitação, que contabiliza quatro águas, embora a data de construção possa ser mais recente que os demais.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo ou de Marselha	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica	Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para os limites da via pública, para as áreas de logradouro ou para os terrenos adjacentes às construções. Verifica-se que o beirado saliente ao paramento age como elemento de

				proteção à fachada.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Por norma são muros com uma altura média de 1 metro. Não são muitos os exemplos que comprovem a existência de um padrão.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Pedra calcária	Tipologia circular, sem pavimento, Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa. Não se contabilizaram eiras no interior da povoação. As que existem tratam-se de elementos pertencentes a habitações que não constituem exemplos de arquitetura vernacular.

#### **2.4. BRINÇOS** (*freguesia de Abiul*)

A malha urbana de Brinços dispõe-se de forma dispersa ao longo do trajeto da via principal que corre paralela ao IC8, ligando Aroeiras a Ramalhais de Cima, na vertente baixa sudeste da Serra de Sicó.

A inclusão de Brinços neste Relatório de Caracterização reporta-se na semelhança a Aroeiras no que à arquitetura vernacular diz respeito. Pois, apesar de uma forte descaracterização das práticas e linguagens arquitetónicas e urbanísticas tradicionais e também serranas, Brinços conserva dois imóveis que vale a pena sinalizar.

São dois imóveis de tipo habitacional, devolutos, que contrastam essencialmente com os tipos de construção habitacional típicos dos anos de 1950 e 1980 que encontramos em Brinços.

Ainda nesta localidade, importa relevar a pontual presença de construções que, apesar da condição visível de ruína, comprovam a influência da arquitetura vernacular serrana na prática construtiva.

Há ainda a sinalizar a reconstituição da tipologia arquitetónica vernacular serrana em resultado de uma intervenção de reabilitação a uma estrutura anterior, o que aponta para uma sensibilidade patrimonial que se pretende conservar num recorte contextual em acelerado desaparecimento.

Não obstante tudo o que foi referido atrás, Brinços não dispõe de uma consistência de referências arquitetónicas que justifiquem a sua integração num regulamento de salvaguarda abrangente.

Os imóveis sinalizados tratam-se de exemplares singulares que patrimonialmente valem por si, como os casos em Aroeiras. E, neste sentido, na questão da arquitetura como amostragem de cultura de uma comunidade, o seu contributo reside essencialmente na leitura a par dos casos de Aroeiras e outros similares, para que depois, como estes, sejam vertidos em ferramentas de compreensão dos processos culturais que (in) formam a prática construtiva municipal.

#### 2.4.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Brinços



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares





Habitções e pormenores arquitetónicos exemplares da arquitetura serrana vernacular e da sua evolução tipológica – Brinços.

2.4.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Brinços

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas incluídas ao mesmo limite de propriedade	As habitações encontram-se implantadas de forma isolada, compostas por um edifício singular ou um conjunto de construções que formaliza o imóvel: habitação e arrumos para alfaías agrícolas e/ou abrigos de animais, adega, etc. Localizam-se afastadas da via pública, com a fachada principal da habitação paralela à rua.	
	<b>Forma</b>	Retangular	A forma volumétrica não é uma constante, mas na maioria dos casos aproxima-se da forma retangular.	
	<b>Composição morfológica</b>	Composição 2 pisos	Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelos, com barrotes de travamento de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Escadas interiores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
		Revestimento exterior	Pedra calcária	Argamassa de barro e de terra, nalguns casos já com pintura em cal.
		Revestimento interior	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Vãos	Pedra calcária	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular, talhadas, e nalguns casos esculpidas, com acabamento de encaixe à face dos paramentos, alguns casos apresentando saliência de aprox. 2cm. Não há peitoris ou soleiras salientes face da moldura.
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos).
Caixilharias		Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.	

		Portas	Madeira	Portas de folha única ou de folha dupla, compostas por tabuado de madeira. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplo)
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas ou quatro águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica de Marselha	Telha cerâmica de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Tijolo	Chaminé
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para os limites da via pública, para as áreas de logradouro ou para os terrenos adjacentes às construções. Verifica-se que o beirado saliente ao paramento age como elemento de proteção à fachada. Num dos casos regista-se a presença de sistema de caleira em chapa de zinco com tubo de descarga em material plástico, pelo que se reporta a um acrescento à construção original.
		Beirado	Telha cerâmica de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija, embora se verifique cornija num dos casos, mas tal é justificado pela datação de construção da habitação. O beirado é composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos).
		Revestimento	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Eiras	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)

## **2.5. CASTELO** (*freguesia de Vila Cã e Abiul*)

Com uma localização contígua ao traçado do IC8 (EN237), a povoação de Castelo desenvolve-se circunscrita ao limite norte desta infraestrutura e ao limite do seguimento da rua da Loureira, numa malha urbana organizada em torno da Feira dos Catorze. Porém, é preciso sair deste núcleo para encontrar modelos da arquitetura vernacular serrana implantados, justamente, nas ligações de Castelo à Serra de Sicó.

Tratam-se de três imóveis devolutos e um resultante de obras de reabilitação, confinantes às vias, que conservam ainda hoje alguns vestígios materiais do percurso da arquitetura vernacular e serrana do município.

Importa esclarecer desde já que Castelo não reúne condições que admitam a anexação a um regulamento de salvaguarda, sendo um caso útil no âmbito patrimonial da arquitetura e do urbanismo precisamente pelas narrativas inclusas a cada um dos imóveis sinalizados, três dos quais em condições estruturais dificilmente recuperáveis.

Não obstante tudo isto, por um lado, e como referência mais óbvia, Castelo contabiliza estruturas de dois imóveis de habitação, com as devidas construções menores e complementares, cujas situações devolutas, severamente degradadas e embutidas na vegetação invasora, não rasuram o enorme contributo para a compreensão de técnicas e padrões de construção vernaculares. Numa perspetiva meramente de análise crítica, tratam-se, talvez, dos exemplares mais eloquentes da arquitetura vernacular serrana da vertente este de baixa orografia da Serra de Sicó.

Por outro lado, há o exemplo da reprodução das formas e práticas tradicionais na intervenção de reabilitação de um imóvel, embora agregando uma gramática que se afasta da original, pela inevitável adaptação técnica e escolha de soluções mais atualizadas.

Por último importa destacar a presença de um outro imóvel, confinante à via pública, que ao nível tipológico sugere não se tratar unicamente de uma habitação.

Numa linha que conserva as características e tipos da arquitetura vernacular serrana, já com as influências das zonas de baixo declive da Serra de Sicó, também verificadas

noutros lugares circunvizinhos, este imóvel remete para a adaptação da tipologia de habitação para um edifício com vertente comercial (“venda/loja de província”, taberna, etc.), e/ou de assistência a passantes (estalagem). Esta variante, não sendo um caso mais essencial que os outros para o estudo e caracterização do património arquitetónico tradicional serrano, no ponto de vista do que tem sido desenvolvido no presente relatório, é-o, possivelmente, para a caracterização das tipologias edificadas que compõem a arquitetura tradicional do município. No decorrer, para o alargamento do âmbito do património construído, e com ele as necessárias ferramentas de valoração e proteção.

#### 2.5.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Castelo



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares



Imóvel de tipologia mista (habitação e áreas de vertente comercial) – Castelo





Dois imóveis de tipologia de habitação e respetivos pormenores construtivos, exemplares da arquitetura serrana vernacular – Castelo.

2.5.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Castelo

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas inclusas ao mesmo limite de propriedade	As habitações encontram-se implantadas de forma isolada, compostas por um edifício singular ou um conjunto de construções que formaliza o imóvel: habitação e arrumos para alfaias agrícolas e/ou abrigos de animais, adega, etc. Localizam-se confinantes com a via pública, com a fachada principal da habitação paralela a esta.		
	<b>Forma</b>	Retangular	A forma volumétrica aproxima-se de um retângulo		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas, ou outros como lojas ou alojamentos, ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por várias construções que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto, caso a empena assim o permita, servir para arrumo ou sequeiro.		
<b>Elementos Constituintes</b>	<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>		
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais.	
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelos, com barrotes de travamento de fixação nas paredes.	
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte retangular, formando a cada dois blocos um L.	
		Escadas exteriores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
		Escadas interiores	Madeira	Estrutura de vigas simples, cobertores e espelhos em tabuado	
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.	
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)	
		Revestimento exterior	1. Pedra calcária 2. Argamassa	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, com pintura de cal.	
Revestimento interior		Pedra calcária ou argamassa	Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.		

		Vãos	Pedra calcária ou madeira	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular, podendo ser trabalhada, ou barrotes de madeira natural, com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.
		Portas	Madeira	Portas de folha única ou folha dupla, compostas por tabuado de madeira. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Madeira e chapa metálica	Portões de folha dupla, com molduras e sistema estrutural em madeira e revestimento por chapa metálica.
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplo)
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica de canudo	Telha cerâmica de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Tijolo	Chaminé
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para os limites da via pública, para as áreas de logradouro ou para os terrenos adjacentes às construções. Verifica-se que o beirado saliente ao paramento age como elemento de proteção à fachada.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo	Beirado à portuguesa simples, sem cornija. O beirado é composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). A parca

				consistência das referências não admite avançar com uma altura média.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Eiras	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)

## **2.6. CHÃO DE ULMEIRO** (*freguesias de Vila Cã e Abiul*)

Chão de Ulmeiro apresenta uma estrutura urbana difusa facilmente confundível com os limites de Aroeiras, Castelo, Carvalhal ou Brinços.

É no entanto possível perceber uma centralidade desenvolvida junto à capela de Chão de Ulmeiro, que agrega a malha urbana disposta essencialmente ao longo da rua do Campo e da rua da Lagoinha. Ruas que um breve exame à arquitetura denuncia tratam-se da origem da povoação, pois conservam um número considerável de imóveis de tipologia vernacular. Grande parte destes imóveis encontra-se devoluta e em avançado estado ruinoso ou engastada em construções com data de construção mais recente, contando com uma série de patologias que lhes desvirtua as características mais relevantes.

Apesar de existir pelo menos dois casos de reabilitação de antigas estruturas cujas práticas construtivas, escolhas de materiais, cromatismo e linguagem arquitetónica pretenderam recuperar o código vernacular próprio das construções de tipo habitacional serrano, como conjunto expressivo de uma especificidade arquitetónica e urbanística, Chão de Ulmeiro é um quadro residuário, no qual as referências arquitetónicas embatem sob maneira com o desvirtuamento.

Já enquanto conjunto de aferimento do uso de determinados materiais endógenos como a pedra calcária, ou de técnicas e elementos de construção como as molduras de vão ou os cunhais na mudança de paramento, Chão de Ulmeiro é uma peça importante para a consciência de um sistema de construção vernacular caracteristicamente serrano. Também para perceção de uma alteração do tipo.

Tratando-se de um tipo com características mais humildes, em particular pela menor volumetria face aos imóveis sinalizados em Aroeiras ou em Brinços, há em Chão de Ulmeiro exemplares da transição arquitetónica que terá ocorrido, quer com a atualização das práticas construtivas, quer com a influência da posição geográfica, mais próxima ou não, do cume da Serra de Sicó, substituindo-se as fachadas de pedra calcária à vista pelos revestimentos com argamassa de terra e barro e pintura de cal, que conferem ao conjunto sinalizado uma mais-valia patrimonial.

2.6.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Chão de Ulmeiro



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares





Edifícios de tipo habitacional e estruturas sobrantes de edificações exemplares da arquitetura serrana vernacular, junto à rua da Lagoinha – Chão de Ulmeiro



Edifícios de tipo habitacional resultantes de intervenção de reabilitação, expressivos da continuidade das práticas de construção da arquitetura serrana vernacular, junto à rua do Campo – Chão de Ulmeiro.

## 2.6.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Chão de Ulmeiro

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	Isolada	Aa estruturas sobrantes das habitações encontram-se implantadas de forma isolada, com a fachada principal confinante ao limite da via pública-		
	<b>Forma</b>	Não se aplica	Os exemplos não são eloquentes o suficiente.		
	<b>Composição morfológica</b>	Composição térrea	Os exemplos apenas permitem perceber que se terão tratado de composições com a habitação ao nível térreo. Não é possível perceber se terão tido outras construções anexas.		
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>	
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.	
		Estrutura horizontal	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.	
		Escadas exteriores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
		Escadas interiores	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos).	
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.	
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)	
		Revestimento exterior	Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem.	
		Revestimento interior	Pedra calcária	Em pedra natural à vista, semi-aparelhada.	
		Vãos	Pedra calcária ou madeira	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.	
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
		Caixilharias	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)	
		Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira e sem molduras de encaixe. Soleira em pedra calcária.	
Portões		Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)		

		Sistemas de vedação de luz natural	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Outros elementos	Não se aplica	Não há outros elementos a registar.
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Os poucos exemplos permitem inferir que é composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo	Telha cerâmica de canudo à cor natural. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica	Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para os limites da via pública, para as áreas de logradouro ou para os terrenos adjacentes às construções.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Não há exemplos eloquentes que permitam admitir uma altura média.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)
		Eiras	Não se aplica	Não se aplica (sem exemplos)

## **2.7. EREIRAS** (*freguesia de Redinha*)

A aldeia de Ereiras apresenta uma estrutura urbana desenvolvida essencialmente em torno de dois polos. Um, de organização mais nuclear e concentrada no Largo da Capela, abrangendo o seguimento das ruas que desembocam neste espaço: rua Principal, rua da Escola, rua da Cruzinha, rua das Malhadas e rua do Valinho. Uma breve avaliação aos imóveis, facilmente permite perceber tratar-se do primeiro núcleo da povoação. Condição que a própria toponímia confirma. É no cadastro deste polo que se conserva a parte significativa e expressiva de imóveis figurativos da arquitetura vernacular serrana.

Um segundo núcleo, de organização mais rarefeita e disposta ao longo das ruas da Cavadinha, da Ladeira e no seguimento da rua da Escola. Núcleo que, em boa verdade, corresponde ao eixo de evolução do casario no sentido sul, em direção ao traçado da estrada municipal (EM 526) que liga Ereiras aos Ramalhais, junto ao limite intermunicipal de Pombal-Ansião.

Relativamente aos exemplares da arquitetura vernacular e de características serranas, o levantamento possibilita afirmar que se trata de uma aldeia que conserva um número considerável de imóveis. Não obstante, na maioria são edifícios atualmente devolutos e fortemente degradados, em particular nos elementos que compõem as coberturas, quer se trate de elementos de revestimento, quer estruturais.

Este facto pode explicar-se pela falta de manutenção dos edifícios, votados à ausência de residentes, mas também pelas patologias que resultam pela ação do tempo, dos elementos climáticos e da proliferação de espécies vegetais invasoras, sendo os resultados mais nefastos sobretudo nos casos cujas estruturas se encontram menos protegidas.

São por isso múltiplos os edifícios que exibem o esqueleto das paredes, constituindo, na leitura de uma vista aérea, quase uma nova cartografia do urbano vernacular, desta vez, não dinâmica, e em plena regressão da funcionalidade da arquitetura.

Uma contabilização dos imóveis em avançado estado de ruína por comparação àqueles de tipologias mais contemporâneas e com condições de habitabilidade,

coloca Ereiras, na perspetiva de um Regulamento de Salvaguarda da arquitetura vernacular, como um caso urgente, em vias de tornar-se obsoleto.

No entanto, e como argumentos para a sua inclusão no plano estruturado de critérios de proteção, há a registar três circunstâncias:

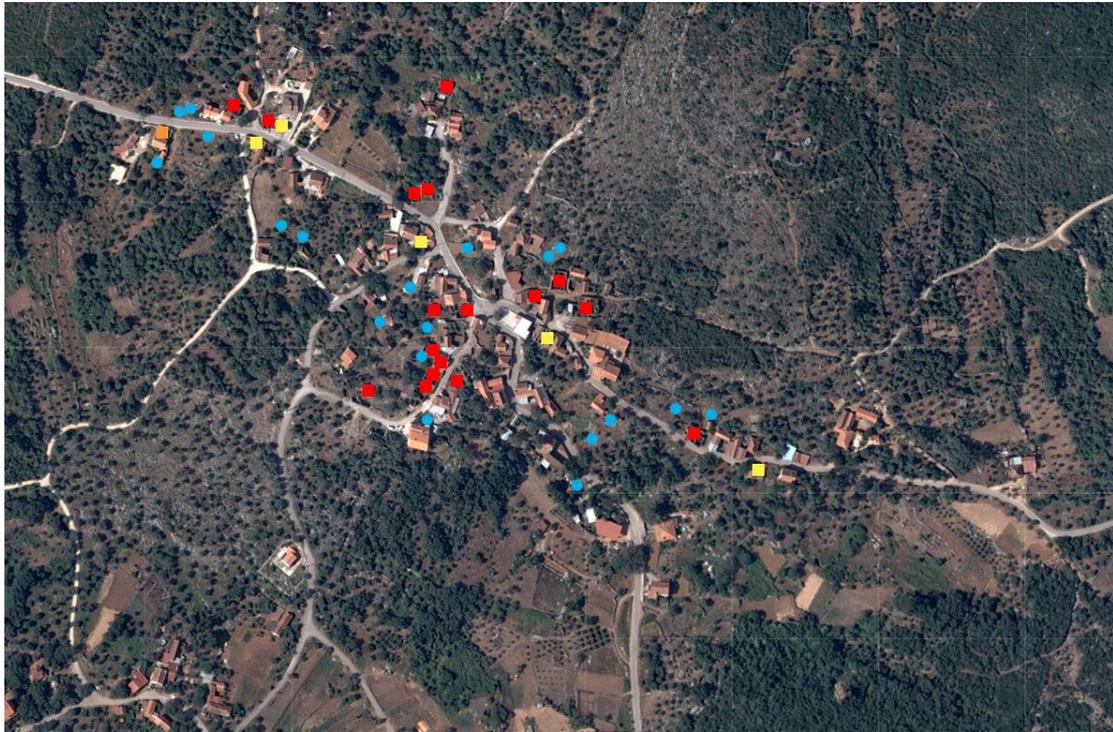
1. Não obstante a condição ruínosa, é nas paredes sobrantes da arquitetura habitacional da aldeia que podem comprovar-se algumas componentes e práticas de construção vernaculares, que revelam uma proximidade muito estreita com a arquitetura de outras aldeias serranas do município de Pombal.

Assim, há em Ereiras um contributo fundamental para a confirmação de uma prática construtiva comum, que potencia a compreensão de diálogos e quase protocolos de seriação da linguagem arquitetónica extensivos à região serrana do município.

2. Quase no seguimento do ponto anterior, há também em Ereiras exemplos arquitetónicos que recuperaram essa linguagem e a transportaram de forma atualizada para construções novas. Não se pretende desenvolver aqui, e não é este o lugar, para uma avaliação do que pode ser considerado correto ou não em questões morfológicas ou de práticas de construção dentro de uma perspetiva de intervenções de reabilitação ou de reconstrução. Antes, deve evidenciar-se que estas novas construções, por não serem exemplos que simplesmente rompem ou rebentam com essas questões, como tantos há em Ereiras, são tipos que dão abertura para a formalização de um suporte complementar e físico da manutenção do património arquitetónico e das suas práticas e imagem vernaculares.

3. A tudo isto acresce a própria dinâmica demográfica da aldeia, que não se manteve estanque. Pelo contrário, verifica-se a fixação de população jovem, contribuindo para o desenvolvimento da arquitetura com construções novas, mas também para o estímulo dos fluxos de mobilidade. O que, na perspetiva da salvaguarda do património, caso se criem as condições necessárias ou de apoio, pode significar o incentivo à reabilitação das edificações de tipo vernacular, como também potenciar a sua utilização enquanto unidades de turismo local e rural.

2.7.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Ereiras



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares





Edifícios de tipo habitacional e estruturas sobrantes de edificações exemplares da arquitetura serrana vernacular, rua Principal, rua do Valinho, rua das Malhadas – Ereiras

## 2.7.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Eireiras

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas inclusas ao limite de propriedade	A maioria das habitações encontra-se implantada de forma isolada (seja no caso de construções singulares, ou no caso de um conjunto de construções que formaliza um imóvel), recuada dos limites da via pública, aos quais a fachada principal se encontra paralela. Por norma existe um espaço que a antecede, limitado por muro. Espaço que aparece vazio – quintal ou logradouro frontal – ou contém outras construções menores – arrumos – de apoio à habitação. Nos casos em que as habitações confinam com a via pública, verifica-se que a opção foi implantá-las para que a fachada principal fique perpendicular à via pública. A fachada lateral reserva um acesso de ligação com a rua, tratando-se de uma entrada/saída secundária da casa.	
	<b>Forma</b>	Retangular		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por vários edifícios que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto, caso a empena assim o permita, servir para arrumo ou sequeiro.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelas, com moldura de barrotes de travamento ou sistema de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Pedra calcária	Degraus de blocos únicos paralelepípedicos. Estrutura com preenchimento de terra e/ou entulho com pedras de vária granulagem.
		Escadas interiores	Madeira	Estrutura de vigas simples, cobertores e espelhos em tabuado.
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
	Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)	

		Revestimento exterior	Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, sem qualquer pintura posterior.
		Revestimento interior	Pedra calcária e/ou argamassa de cal	Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.
		Vãos	Pedra calcária ou madeira	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se verificou a presença de guardas de vão
		Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.
		Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira e sem molduras de encaixe. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Madeira	Portões por norma de folha única, composta por tabuado de madeira e também sem moldura de encaixe. Soleira em pedra calcária. Regista-se a presença de alguns portões metálicos, tratando-se de elementos colocados posteriormente à data de construção do edifício.
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Não se aplica	Não há outros elementos a registar.
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo ou de Marselha	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica	Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para as áreas de logradouro ou terrenos adjacentes às construções.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.

	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Por norma são muros com uma altura média de 1,5 metros, não ultrapassando a altura de uma pessoa. Excetuam-se os casos cuja disposição do terreno e edifício assim o exige, sendo que não se verificou alturas acima dos 2m.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Pedra calcária	Tipologia circular, sem pavimento, Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa.

## **2.8. POIOS** (*freguesia de Redinha*)

Próxima aos canhões fluviocársicos do Vale do Poio Velho e do Poio Novo, a malha urbana da aldeia de Poios encontra-se engastada junto à parede calcária da Senhora da Estrela, que determina os limites distritais de Leiria e de Coimbra.

Trata-se de uma povoação de organização concentrada, com as edificações implantadas lado a lado no seguimento das vias públicas, cuja análise arquitetónica possibilita admitir que o núcleo original da povoação teve origem nas ruas de Nossa Senhora da Estrela, rua da Azinhaga e rua do Casal.

Um breve exame à arquitetura permite desde logo afirmar a forte influência da paisagem cársica na construção. Situação que, aliás, é reiterada pela integração de Poios na Rede das Aldeias de Calcário das Terras de Sicó, enquanto exemplar municipal.

Condição que de certa forma esbarra com o contexto devoluto em que, regra geral, se encontram as construções resultantes de processos vernaculares de tipo serrano, em parte estruturalmente danificadas, reunindo um amplo conjunto de patologias.

No âmbito do património cultural, Poios é então uma das aldeias serranas do município de Pombal à partida contraditória, mas que na sua essência cumpre de forma crescente um papel fundamental para a valorização e proteção do património construído, constituindo-se um caso que admite ser integrado num regulamento de salvaguarda.

A forma mais direta de entender Poios no quadro patrimonial passa exatamente por reconhecer a materialidade residual que compõe a tipologias vernacular, em primeiro lugar face à descaracterização dos tipos, depois reconhecendo a crescente potencialidade da povoação mediante as características arquitetónicas originais e de paisagem natural que agem na sua constituição. Razões como as dinâmicas impulsionadas pelo turismo e pelas atividades desportivas de natureza, que paulatinamente têm vindo a criar novos fluxos de mobilidade na aldeia, bastariam para reconhecê-la consensual e promissora no processo patrimonial do município. Mas, em boa verdade, a definição de uma Área de Reabilitação Urbana veio

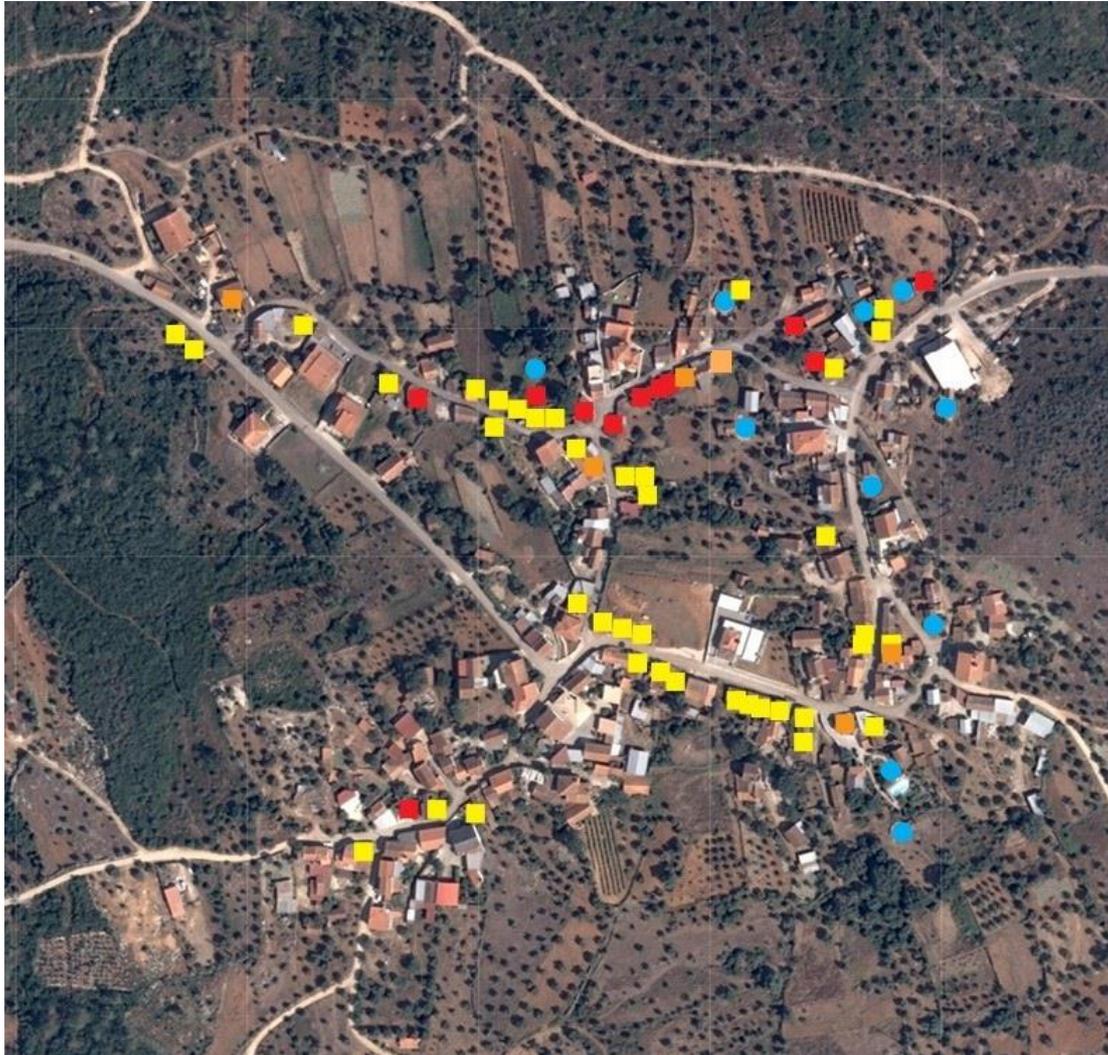
precisamente enquadrar a aldeia, institucionalmente, na plataforma municipal de salvaguarda e de desenvolvimento.

O património construído além de contribuir para a integração e consolidação de domínios materiais do legado cultural, ocupa assim um papel fulcral no suporte de diversos campos de atividade cultural, entre os quais o turismo rural ou de natureza. Mas não só, pois tudo isto é significativo para a fixação de população residente.

A construção desta consciência, e de certa forma, linha de ação, torna a povoação de Poços um ativo presente dependente da matriz construída.

Ademais, não só a contabilização de exemplares da arquitetura vernacular serrana de Poços mas a sua própria disposição na malha urbana estimula à condução de processos de reconciliação das linguagens arquitetónicas e urbanísticas, dentro do mesmo tecido urbano, que funcionem como pontes de diálogo e de cooperação entre a recuperação e proteção de tipologias e tipos vernaculares, e o ajuste da arquitetura às atuais exigências de habitabilidade e às construções novas de cariz contemporâneo. No fundo, o que se entende por reabilitação urbana.

2.8.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Poios



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares







Edifícios de tipo habitacional, estruturas sobrantes de edificações e pormenores arquitetónicos exemplares da arquitetura serrana vernacular, rua Nossa Senhora da Estrela, rua do Casal, rua da Azinhaga – Poios

2.8.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Poios

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções em banda	O tipo de implantação mais comum é a organização em banda, dispendo os imóveis, lado a lado, ao longo do seguimento das vias públicas, confinando a fachada principal com os limites das ruas. Verifica-se ainda a implantação isolada de imóveis, sendo neste caso mais comum a fachada lateral confinar com o limite da rua. É possível verificar que nos últimos exemplos se guarda uma área de quintal anexa à habitação, circunscrita por muro. Característica que nos imóveis dispostos em banda, se localiza nas traseiras das habitações.	
	<b>Forma</b>	Retangular		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por vários edifícios que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto, caso a empena assim o permita, servir para arrumo ou sequeiro. Ainda nesta tipologia de composição, há casos em que ambos os pisos funcionam como áreas de habitação, sendo que no primeiro funcionam os espaços de função coletiva, e no piso superior os de função privada.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelos, com sistema de barrotes de travamento de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Pedra calcária	Degraus de blocos únicos paralelepípedicos. Estrutura com preenchimento de terra e/ou entulho com pedras de vária granulagem.
		Escadas interiores	Madeira	Estrutura de vigas simples, cobertores e espelhos em tabuado.
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
	Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
Revestimento exterior		Pedra calcária e/ou	1. Em pedra natural à vista: aparelhada ou semi-aparelhada, com recurso a	

		argamassa de terra e de barro	pedras de formas mais ou menos regulares Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, sem qualquer pintura posterior, nalguns casos já finalizado com pintura de cal.
	Revestimento interior	Pedra calcária e/ou argamassa de cal	Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.
	Vãos	Pedra calcária	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.
	Guardas de vão	Tijolo e argamassa	Regra geral não há uso de guardas de vão, mas há casos que permitem perceber a construção de pequenos muretes de segurança em estrutura de tijolo de burro e revestidos a argamassa de terra e de barro.
	Caixilharias	Madeira e ferro	Madeira natural e/ou ferro. Janelas por norma compostas por duas folhas, com ou sem molduras de encaixe em madeira ou de ferro.
	Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira com ou sem molduras de encaixe em madeira. Soleira em pedra calcária.
	Portões	Madeira	Portões por norma de folha única, composta por tabuado de madeira com moldura de encaixe. Soleira em pedra calcária. Verifica-se também a existência de alguns portões de estrutura em madeira e revestimento a chapa metálica.
	Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
	Outros elementos	Pedra calcária	Elemento saliente na fachada, fixado junto aos vãos superiores.
<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar ou então de maior vertente para fachada principal. Sistema de asna simples.
	Revestimento	Telha cerâmica canudo	Telha cerâmica de canudo à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
	Elementos salientes	Tijolo	Chaminés com estrutura em tijolo e revestimento em argamassa de barro e de terra.
	Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para as áreas de logradouro, terrenos adjacentes às construções ou limites das vias públicas.
	Beirado	Telha cerâmica de canudo	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento

				das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). São muros de altura não superior a 1,5m, localizando-se na maior parte dos casos nas laterais ou traseiras das habitações.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Pedra calcária	1. Tipologia circular, sem pavimento. Delimitadas por murete em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa. 2. Tipologia circular, com pavimento impermeável. Circunscrita por murete de pedra calcária aparelhada e com preenchimento de argamassa.

## **2.9. POUSADAS VEDRAS** (*freguesia de Redinha*)

Pousadas Vedras é a aldeia serrana do município de Pombal que apresenta a maior extensão de tecido urbano, sendo possível distinguir duas realidades morfotipológicas diferentes: uma localizada mais a norte, concentrada junto à Capela de Pousadas Vedras cujo desenho evidencia a difícil orografia onde o casario foi implantado e a necessária evolução para sul até ao troço da N527. Outra componente, de malha mais difusa, virada à vertente este da localidade, que veio encerrar no interior da povoação a estrutura fundiária rural.

No contexto do levantamento da arquitetura vernacular, é no primeiro núcleo que se reúnem as estruturas que compõem a amostragem para o caso de Pousadas Vedras, rearticuladas com a forte densidade de construção mais ou menos contemporânea que dinamiza a atualidade habitacional da aldeia.

Pensar nesta rearticulação entre diferentes tipos arquitetónicos, obriga desde a partida, a assumir Pousadas Vedras como um caso não válido para o paradigma da salvaguarda do património. Em boa verdade, os tipos referentes à arquitetura vernacular encontram-se devolutos e em avançado estado de ruína.

Perante um quadro tão instável e residuário de referências, o desafio de Pousadas Vedras é então enriquecido pela mudança de perspetiva sobre a leitura do património, a qual se explora mais à frente.

Ademais, é um resíduo que retém uma narrativa de homogeneidade tipológica e de práticas de construção que se verificam em outras aldeias circunvizinhas. Por este motivo mais importante que o qualificar fisicamente, é útil enquanto ferramenta interpatrimonial, e isso justifica a sua inclusão num regulamento de salvaguarda.

Na mesma linha, serve para a reafirmação da permanência de algumas características, como as eiras circulares, cuja conservação e/ou complementaridade a construções novas, denuncia a manutenção das matrizes de organização e funcionalidade de espaço assentes nas formas e técnicas tradicionais.

2.9.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Pousadas Vedras



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares







Edifícios de tipo habitacional, estruturas sobrantas de edificações e pormenores arquitetónicos exemplares da arquitetura serrana vernacular, rua Central, rua Trás o Preço, rua do Lagar, Travessa dos Bons, rua Largo do Rossio, rua da Carreira, rua das Eiras – Pousadas Vedras

2.9.2. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Pousadas Vedras

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas incluídas ao mesmo limite de propriedade	A maioria das habitações encontra-se implantada de forma isolada (seja no caso de construções singulares, ou no caso de um conjunto de construções que formaliza um imóvel), recuada dos limites da via pública, aos quais a fachada principal se encontra paralela. Por norma existe um espaço que a antecede, limitado por muro. Espaço que aparece vazio – quintal ou logradouro frontal – ou contém outras construções menores – arrumos – de apoio à habitação. Nos casos em que as habitações confinam com a via pública, verifica-se que a opção foi implantá-las para que a fachada principal fique perpendicular à via pública. A fachada lateral reserva um acesso de ligação com a rua, tratando-se de uma entrada/saída secundária da casa.	
	<b>Forma</b>	Retangular		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, por norma distribuídos por vários edifícios que compõem o conjunto edificado. 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaías e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto, caso a empena assim o permita, servir para arrumo ou sequeiro.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelas, com moldura de barrotes de travamento ou sistema de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Pedra calcária	Degraus de blocos únicos paralelepípedicos. Estrutura com preenchimento de terra e/ou entulho com pedras de vária granulagem.
		Escadas interiores	Madeira	Estrutura de vigas simples, cobertores e espelhos em tabuado.
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
	Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos	
<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)	

		Revestimento exterior	Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem. 2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, sem qualquer pintura posterior.
		Revestimento interior	Pedra calcária e/ou argamassa de cal	Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.
		Vãos	Pedra calcária ou madeira	Vãos emoldurados por pedras de corte retangular com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.
		Guardas de vão	Não se aplica	Não se verificou a presença de guardas de vão
		Caixilharias	Madeira	Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.
		Portas	Madeira	Portas de folha única, composta por tabuado de madeira e sem molduras de encaixe. Soleira em pedra calcária.
		Portões	Madeira	Portões por norma de folha única, composta por tabuado de madeira e também sem moldura de encaixe. Soleira em pedra calcária. Regista-se a presença de alguns portões metálicos, tratando-se de elementos colocados posteriormente à data de construção do edifício.
		Sistemas de vedação de luz natural	Madeira	Sistema de portada interior.
		Outros elementos	Não se aplica	Não há outros elementos a registar.
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira	Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo ou de Marselha	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha à cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontal e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica	Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica	O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura, ocorrendo o escoamento das águas para as áreas de logradouro ou terrenos adjacentes às construções.
		Beirado	Telha cerâmica de canudo ou de Marselha	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz.

	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Por norma são muros com uma altura média de 1,5 metros, não ultrapassando a altura de uma pessoa. Excetua-se os casos cuja disposição do terreno e edifício assim o exige, sendo que não se verificou alturas acima dos 2m.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
		Eiras	Pedra calcária	Tipologia circular, sem pavimento, Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa.

### **2.10. VALE** (*freguesias de Vila Cã e Pombal*)

Engastada na vertente sudoeste da Serra de Sicó, a aldeia de Vale é um dos primeiros focos de civilização do município de Pombal, com origem medieval e atualmente ainda habitável, reservada como um dos aglomerados urbanos de carácter rural que melhor conserva os tipos arquitetónicos de referência vernácula e serrana do município.

Não é, de resto, outra a razão pela qual Vale tem sido recorrentemente estimada como o paradigma municipal nas narrativas patrimoniais.<sup>2</sup> Sobrepondo-se-lhe uma ampla rede de rotas e trilhos patrimoniais e de vertente paisagístico-natural. Trata-se, em boa verdade, de uma quase predisposição natural que é certificada pela arquitetura e pelo urbanismo que compõem o tecido construído da aldeia, por contraste à paisagem florestal onde se encontra engastada. Particularidades geográficas e arquitetónicas que não só insulam Vale no quadro territorial do concelho, como a fazem distinguir-se das demais unidades urbanas de carácter similar.

É assim que Vale se apresenta como a única aldeia sinalizada, e por conseguinte, ratificada, na lista de património arquitetónico que consta da Planta de Ordenamento do Sistema Patrimonial, complementar à 1ª revisão do PDM.

Concertação no âmbito da salvaguarda que, no entanto, tem vindo a impor-se mais como uma estratégia e celebração, que propriamente como um operador de intervenção e proteção das particularidades da aldeia.

Atualmente é célere o processo de descaracterização a que a aldeia está votada, sobretudo pela inatividade em que se encontra o parque habitacional, sendo múltiplos os prédios devolutos, com diversas patologias de degradação, nalguns casos de acentuada gravidade estrutural. São muitos, também, e nesta mesma ordem de ideias, os imóveis colocados para venda.

---

<sup>2</sup> Veja-se, a título de exemplo, a inclusão de Vale no território PROVERE Villa Sicó (Terra de Sicó); a consideração para integrar a segunda fase de seleção de aldeias para a Rede de Aldeias do Calcário (Terra de Sicó); a presença assídua nos trilhos pedestres de natureza organizados pela associação Cultunatur; ou ainda, o não menor reconhecimento da relevância da Associação dos Amigos do Vale, com sede no antigo edifício da Escola Primária.

Por outro lado, e quase paradoxal ao descrito atrás, Vale tem vindo a ser compassadamente reconstruída, por pontuais e positivas intervenções de reabilitação do edificado.

Importa considerar que um esforço na retoma de ações de proteção e projeção das vertentes arquitetónicas foi já posta em prática em processos de requalificação anteriores, que visaram, precisamente, a recuperação das características que a distingue no âmbito da arquitetura tradicional e serrana. Foram no entanto intervenções que se pautaram por uma maior expressividade quanto à requalificação do espaço urbano coletivo, nomeadamente ao arranjo calçadado do arruamento e valetas confinantes.

Contudo, é na ambivalência do espaço edificado de Vale que efetivamente reside a sua permanência e a constituição de uma identidade cultural. Ainda, a potencialidade para se assumir não apenas como uma peça histórica fundamental, mas um espaço de reconstrução que conscientemente alia a história à vida presente. É neste espaço que, talvez, se possa reafirmar a validade habitacional de Vale e a constituição de programas funcionais que lhe devolvam a vivificação da povoação. Sejam estes de carácter permanente, segunda habitação, temporário ou até mesmo a articulação dos três anteriores.

Pensar tal quadro de ação, implica (re)contextualizar a aldeia, envolvê-la com os projetos em curso e, em sentido pleno, transportar o seu discurso patrimonial para uma dinâmica de incentivo à reabilitação coordenada. Pois o que está em causa na aldeia de Vale é assegurar a representação física da peça mais eloquente e expressiva da arquitetura tradicional e serrana do município, sem que isso a desvirtue da sua relação com a população, sobretudo a residente. No fundo, do seu papel de ativo.

Deve, por tudo isto, destacar-se a materialidade calcária de Vale cravada na encosta da Serra de Sicó, e sublinhar a pertinência que as suas leituras morfotipológicas têm para a acuidade analítica e interpretativa das linguagens arquitetónicas e urbanísticas da rede de aldeias serranas do município.

É, assim, com urgência que cumpre incluir Vale no âmbito de um regulamento de salvaguarda, tecnicamente extensivo à arquitetura e ao espaço público coletivo.

2.9.1. Levantamento património arquitetónico vernacular: Vale (sinalização de casos não terminada)



Legenda: imóveis exemplares da arquitetura tradicional e do calcário (estado de conservação)

- Ruína e/ou apresenta patologias de avançada degradação
- Passível de processos de reabilitação
- Reabilitado ou em processo de reabilitação
- Eiras circulares















Edifícios de tipo habitacional e outros, estruturas sobrantes de edificações e pormenores arquitetónicos exemplares da arquitetura serrana vernacular, rua das Lages, rua da Tapada, Travessa da Tapada, Largo da Fonte, Travessa das Pregueiras, Rua da Serra, rua Lage da Moca, Rua dos Abreus, Rua da Serra – Vale

2.12.1. Quadro de caracterização da arquitetura habitacional vernacular de Vale

<b>Tipologias</b>	<b>Implantação</b>	1. Isolada 2. Conjunto de construções agregadas inclusas ao limite de propriedade	Verifica-se que há implantação de edifícios lado a lado, com as frentes viradas à via pública, e área de logradouro nas traseiras da habitação, onde também se encontram eiras privadas. Verifica-se também que, na maioria dos casos, as fachadas estão sobre o limite das ruas, não havendo afastamentos. Depreende-se que a edificação ao longo das vias potenciou a criação de acessos/ruas público, e não o contrário, em que a via antecede o loteamento e posterior edificação. De sinalizar também a relação cêrcea-volumetria-rua, uma vez que há uma média de cêrceas que mantém a estabilidade da silhueta horizontal das volumetrias das habitações ao longo da rua, em ambos os lado.	
	<b>Forma</b>	1) Quadrada; 2) Retangular		
	<b>Composição morfológica</b>	1. Composição térrea 2. Composição 2 pisos	1) Espaços habitáveis e áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo; 2) Áreas destinadas ao alojamento de animais e/ou arrecadação de alfaias e/ou produtos agrícolas e adegas ao nível do piso térreo, nível superior destinado a espaços habitáveis. A área de sótão não é usada como espaço habitável, podendo no entanto servir para arrumo ou sequeiro.	
<b>Elementos Constituintes</b>		<b>Elementos constituintes</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicas e considerações construtivas</b>
	<b>Estruturas</b>	Estrutura vertical	Pedra calcária	Sobreposição de blocos de pedra de forma retangular dispostos de forma a formarem cunhais. Preenchimento dos vazios por argamassa de barro e de terra.
		Estrutura horizontal	Madeira	Barrotes/vigas paralelas, com moldura de barrotes de travamento ou sistema de fixação nas paredes.
		Cunhais	Pedra calcária	Blocos de pedra, de corte quadrado e retangular, formando a cada dois blocos um L.
		Escadas exteriores	Pedra calcária	Degraus de blocos únicos paralelepípedicos. Estrutura com preenchimento de terra e/ou entulho com pedras de vária granulagem.
		Escadas interiores	Madeira	Estrutura de vigas simples, cobertores e espelhos em tabuado.
		Fundações	Não se aplica	Fundação em vala corrida, superficial e com enchimento feito por deposição de pedra calcária preenchida com argamassa.
		Socos	Não se aplica	Não se verificou o uso de socos
	<b>Fachadas</b>	Estrutura	Pedra calcária	(ver estrutura, estrutura vertical)
Revestimento exterior		Pedra calcária	1. Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, com recurso a pedras de diversos diâmetros e formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro e de terra. Há ainda preenchimento de vazios com pedras de menor granulagem.	

				2. Revestimento por argamassa de barro e de terra, sem qualquer pintura posterior.	
	Revestimento interior	Pedra calcária e/ou argamassa de cal		Em pedra natural à vista ou com revestimento de argamassa de barro e de terra, nalguns casos verificando-se pintura posterior em cal.	
	Vãos	Pedra calcária ou madeira		Vãos emoldurados por pedras de corte retangular ou com travamentos superiores em viga de madeira, com acabamento de encaixe à face dos paramentos. Não há peitoris ou soleiras salientes.	
	Guardas de vão	Não se aplica		Não se verificou a presença de guardas de vão	
	Caixilharias	Madeira		Madeira natural. Janelas por norma compostas por duas folhas, com molduras de encaixe em madeira.	
	Portas	Madeira		Portas de folha única, composta por tabuado de madeira e com as molduras laterais de encaixe e as vigas superiores em madeira. Soleira em pedra calcária.	
	Portões	Madeira		Portões por norma de folha única, composta por tabuado de madeira e com as molduras de encaixe e as vigas superiores em madeira. Soleira em pedra calcária. Regista-se a presença de alguns portões metálicos, tratando-se de elementos colocados posteriormente à data de construção do edifício.	
	Sistemas de vedação de luz natural	Madeira		Sistema de portada interior.	
	Outros elementos	Pedra calcária		Elemento saliente na fachada, fixado junto aos vãos superiores.	
	<b>Coberturas</b>	Estrutura	Madeira		1) Composta por duas águas, de dimensão similar, com as vertentes viradas para a fachada principal e para a fachada tardoz; 2) Composta por duas águas, com a maior vertente virada à área de logradouro; 3) Composta por uma água, com a vertente virada à fachada principal. Sistema de asna simples.
		Revestimento	Telha cerâmica canudo		Telha de canudo cor natural, com remate em tamanco. Telha alinhada à face dos paramentos laterais, em beirado nos paramentos frontais e tardoz.
		Elementos salientes	Não se aplica		Não se verificou a presença de chaminés.
		Sistemas de evacuação de águas pluviais	Não se aplica		O escoamento de águas pluviais é feito mediante a inclinação das vertentes da cobertura. Verificou-se a presença de elementos complementares, como por exemplo caleiras em zinco ou em plástico, com fixação simples no topo do revestimento da cobertura, e nalguns casos sem tubos de descarga, acontecendo o escoamento das águas pluviais para as áreas de logradouro ou via pública. Tratam-se de elementos colocados posteriormente à data de construção do edifício.

		Beirado	Telha cerâmica de canudo	Beirado à portuguesa simples, sem cornija e composto pelo prolongamento das vertentes do telhado sobre a fachada principal e a fachada tardoz. Nalguns casos verifica-se também o prolongamento das varas que compõe a estrutura da cobertura.
	<b>Muros e limites propriedade</b>	Estrutura	Pedra calcária	1) Em pedra natural à vista: semi-aparelhada, de diversos diâmetros e até formas. Os vazios são preenchidos por argamassas de barro ou de terra e com pedras de menor granulagem. 2) Em pedra natural à vista: não aparelhada, e de granulagem média, sem o recurso a argamassa (alvenaria seca). Por norma são muros com uma altura média de 1metro, não ultrapassando a altura de uma pessoa. Excetua-se os casos cuja disposição do terreno e edifício assim o exige.
		Revestimento	Não se aplica	Pedra natural à vista.
	<b>Logradouros</b>	Revestimento	Não se aplica	Sem pavimento
Eiras		Pedra calcária	Tipologia circular, sem pavimento, Delimitadas por muretes em pedra calcária não aparelhada e sem preenchimento de argamassa.	

### **2.11. POUSADAS VEDRAS** (*freguesia de Redinha*): *muros em pedra calcária*

Se nos casos anteriores a arquitetura de tipo habitacional foi o objeto principal que construiu a argumentação para incluir ou não as anteriores aglomerações urbanas nos critérios do Regulamento de Salvaguarda das Aldeias Serranas, o caso de Pousadas Vedras, é o paradoxo, fazendo valer-se pelo território enquanto paisagem arquitetónica

Ao contrário das estruturas de arquitetura habitacional, o território, como infraestrutura primária onde se executa e materializa a ação humana foi, paulatinamente e ao longo do tempo, dinamizado de forma marcante, evidenciando registos deste processo. Registos que estruturam e compõem a imagem do território tornado espaço rural e que, tal como a arquitetura de habitação, o humaniza. Falamos da retícula de muros em pedra de calcário com argamassa seca que limita as propriedades fundiárias e hortas junto à povoação.

Uma qualquer vista aérea, ou de aproximação, a Pousadas Vedras revela de forma inequívoca esta expressão física da cultura urbanística que agiu e age sobre o território, organizando-o, marcando-o, fundindo-o com a própria imagem urbana.

Analisando urbanisticamente, é significativo que, antes uma componente rural adjacente e desenvolvida para subsistência do núcleo original da povoação implantada a sul da Capela de Pousadas Vedras, a retícula de muros se tenha tornado um elemento para todos os efeitos incluso aos limites urbanizados da povoação. Inclusão que ocorreu pela natural progressão do casario no seu entorno e acabou por fundir a paisagem rural com a urbana. Parece, inclusive, que Pousadas Vedras tem dois polos essenciais à povoação, aquele do núcleo original e aquele estabelecido pela paisagem dos muros em pedra seca, que simultaneamente o preenche e o limita.

Ainda que o conjunto de muros da paisagem rural de Pousadas Vedras possa não ser lido como uma correspondência direta da intervenção arquitetónica sobre o território, aceitar esta relação é dispor o património arquitetónico a um duplo desafio, bem mais interessante quanto o seu património de habitação, hoje praticamente inexistente e substituído por tipos arquitetónicos mais

contemporâneos que rompem com as especificidades vernaculares, geográficas ou de suporte à condição de património.

No fundo, e em primeiro lugar, trata-se de admitir o património arquitetónico e mais para o efeito, o urbanístico, na sua verdadeira essência: instrumento cultural que atua sobre um território e o marca de forma indelével, a ponto de criar laços estreitos com a comunidade que o habita e com ele se identifica. Mais que o resultado físico deste processo, vertido em edifícios.

Em segundo lugar e no seguimento do anterior, trata-se de admitir o espaço rural como uma componente fundamental dentro da dialética identidade-território, o que faz com que este deixe de ser um espaço que não é de ninguém, para ser um património de uma comunidade.

A proposta de considerar esta dimensão patrimonial de Pousadas Vedras, pode surgir então como uma oportunidade estratégica de salvaguarda para o município de Pombal, na medida em que possibilita firmar o reconhecimento de que o património arquitetónico se sustenta numa tipologia de organização do meio envolvente, que se estende à estrutura de concentração nuclear do aglomerado urbano. Tipologia com tanto de valor da ação humana sobre o território, quanto de valor natural pelo aproveitamento dos recursos endógenos, como aliás, são os processos que decorrem nas restantes aldeias anteriormente apresentadas.

O fenómeno não é exclusivo à aldeia de Pousadas Vedras. É possível verificar este sistema de muros na envolvente de outras aldeias serranas como Poios ou Ereiras. No entanto, no contexto de uma análise sobre expressão de território é em Pousadas Vedras que as delimitações de propriedade por muros interessam pensar como construção e como paisagem que traduzem a história e a identidade da população que os ergueu.

Fundamental não só para a atividade de exploração, para a ocupação agrícola e para o suporte das vertentes, os muros em pedra calcária são-no para a definição da paisagem latifundiária de Pousadas Vedras pois são um reflexo da identificação de um princípio morfotipológico, que tem tanto de local, quanto quase de cultura construtiva espontânea. Por outras palavras, é uma prática de matriz vernacular que

se mantém porque a própria população a compatibilizou com outras formas de construir mais contemporâneas.

Importa sublinhar que a dimensão territorial do concelho de Pombal tem uma elevada percentagem de solo rural, que em parte se explica pela marcante extensão do espaço natural da Serra de Sicó. Parece plausível que os processos de influência que ocorrem entre mundos rural e urbano devem então contribuir para a própria revisão da linguagem patrimonial, precisamente pela abordagem desta relação.

Não é de resto menos significativo, que a própria Direção Geral do Património Cultural divida a dimensão de património arquitetónico em construído e paisagístico, alegando que ambos englobam “os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo”, sendo por isso “um recurso de importância vital para a identificação coletiva e um fator de diferenciação e de valorização territorial que importa preservar e legar para as gerações futuras”.

Importância que já no volume “Estudos de Caracterização: Paisagem”, que acompanhou a revisão do Regulamento do Plano Diretor Municipal, era reconhecida e ademais, admitida à possibilidade de salvaguarda:

“neste tipo e paisagem de pedra agricultada, os muros e os montículos de pedra solta, construções em franca degradação, ligados à tarefa de despedrega dos campos e à fixação da terra rossa em terraços, possibilitam o seu cultivo. Estas construções, sistemas de compartimentação inerte, devem ser mantidas e recuperadas”<sup>3</sup>.

Ainda, há a sublinhar o esforço e comprometimento da Associação de Desenvolvimento Terras de Sicó para a candidatura dos muros de pedra seca a Património Mundial da UNESCO. Proposta estratégica que assenta no reconhecimento da propriedade cultural que os muros imprimem na paisagem natural de Sicó, numa rede regional alargada aos seis concelhos que integram o projeto das Aldeias de Calcário.

---

<sup>3</sup> Município de Pombal (2013), “Estudos de Caracterização, vol. VI – Paisagem”, p. 56.

Identificar e compreender o valor que os de muros de pedra calcária têm é, de facto, devolver-lhes o carácter não só cultural e relativo à paisagem natural, também informativo acerca do património construído da aldeia, o que por conseguinte os transporta para uma dimensão de proteção, conservação e de prosseguimento de práticas tradicionais. No entanto, mais que submetê-los a um conjunto de normativas de conservação rigorosa, é necessário vê-los como operadores de manutenção da materialidade, criando-lhes as ações de proteção e de conservação ajustadas, com vista a que possam continuar a produzir conhecimento sobre a população que os criou.

Significa isto que a experiência de proteção do património construído de Pousadas Vedras requer um capítulo de regulamentação próprio, cujo foco se pautar pela consolidação da uniformidade tipológica tradicional que atualmente se faz, quase exclusivamente, pelos muros que transitam as paisagens rural e urbana, construindo o território.



Legenda: muros em pedra calcária exemplares da arquitetura e urbanismo vernacular e serrano

■ Proposta de delimitação das áreas relativas à sinalização de muros em pedra calcária



Muros de pedra calcária de argamassa seca,  
rua Central, rua Trás o Preço – Pousadas Vedras

### 3. CONCLUSÃO

A primeira conclusão que se retira da leitura transversal aos diferentes dados recolhidos e trabalhados para compor o presente relatório é a existência de dois tipos arquitetónicos vernaculares de características serranas:

1. Identificado maioritariamente nas aldeias de Poios, Pousadas Vedras, Ereiras e Vale.
2. Identificado maioritariamente nas aldeias de Arroteia, Castelo, Aroeiras, Chão do Ulmeiro, Brinços, Alcaria.

A geografia inclusa a esta distinção tipológica, como facilmente se percebe, permite admitir que há uma linguagem arquitetónica própria do cume da Serra de Sicó, outra que é mais particular às aldeias no seu sopé, nomeadamente na vertente sul.

São diversas as explicações que concorrem para justificar esta situação, entre as quais podemos destacar:

- O acesso às matérias-primas: sendo que o rácio de pedra calcária é maior no cume da Serra de Sicó que no sopé, cuja altimetria concorre para um maior fator de disseminação.
- A facilidade de transporte/uso de outros materiais: o difícil acesso à cumeeira da Serra terá contribuído para o maior aproveitamento dos materiais endógenos (pedra calcária, barro e terra), não se verificando assim o uso de materiais como a cal, correntemente aplicada nas argamassas de revestimento e pinturas exteriores das habitações do sopé da Serra.
- A proximidade a centros de desenvolvimento urbano arquitetonicamente e tecnicamente mais atualizados: que terão contribuído para a própria modernização da arquitetura e das práticas de construção vernaculares.
- O tipo de exploração fundiária e/ou pastorícia associada à habitação: o que por um lado explica a concentração das habitações no cume da Serra por oposição à organização disseminada nas aldeias localizadas no sopé. Os terrenos fundiários são mais extensos e próximos ou inclusos aos logradouros das habitações nas aldeias do sopé, provavelmente pela atividade de exploração dedicada ao cultivo (e possível venda a terceiros) de

produtos cerealíferos. Ao invés, no cume, encontramos exemplos de exploração agrícola fora dos logradouros particulares, sendo que em grande parte é desenvolvida para sustento do núcleo familiar e dos animais, não para venda a terceiros. A pastorícia é a principal atividade desenvolvida no cume serrano, verificando-se também as atividades subsequentes (p.e. a produção de queijo), e ainda a exploração do olival seguindo-se a produção de azeite.

Verifica-se uma diversidade de particularidades que cada aglomerado urbano reserva nas suas lógicas internas, e até, não raras as vezes, identificam-se alteridades, caso a caso.

Ainda assim, o cruzamento dos quadros de listagem dão conta de práticas, tipos e constituintes arquitetónicos que são comuns e apresentam características que são constantes. O que contribui para a identificação de especificidades morfotipológicas que se confirmam num quadro síntese padrão. Tudo isto admite afirmar a existência de uma cultura urbanística que foi, e para todos os efeitos é, transversal aos aglomerados urbanos de carácter rural da paisagem serrana no município de Pombal. Cultura que denuncia métodos de abordagem e de prática construtiva que “têm de necessariamente relacionar-se com os conceitos de *comunidade, cultura, memória, identidade e pertença*, em suma, vertentes epistemológicas e ontológicas da estrutura do conceito de *património*”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Rossa e Ribeiro (org) (2015), *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

CCDRC (2011), *ProtCentro - Proposta de PROT-Centro*. Coimbra: edição de autor (disponível em: [https://www.ccdrc.pt/index.php?option=com\\_docman&view=download&id=1846&Itemid=739](https://www.ccdrc.pt/index.php?option=com_docman&view=download&id=1846&Itemid=739)).

POMBAL, Câmara Municipal de; GPU (2013), *1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Pombal. Estudos de Caracterização, vol.IV: Património*. Pombal: edição de autor

POMBAL, Câmara Municipal de; GPU (2013), *1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Pombal. Estudos de Caracterização, vol.VI: Paisagem*. Pombal: edição de autor

POMBAL, Câmara Municipal de; GPU (2013), *1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Pombal. Estudos de Caracterização, vol.VII: Ocupação do Território*. Pombal: edição de autor

POMBAL, Câmara Municipal de; GPU (2014), *1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Pombal. Estudos de Caracterização, vol.VIII: Turismo*. Pombal: edição de autor

MATEUS, Ricardo et al. (dir) (2015), *Rever: Contributos da arquitetura vernácula portuguesa para a sustentabilidade do ambiente construído*. Livro de Atas do Seminário reVer. Porto, 28 de março de 2015

MASCARENHAS-MATEUS, João (ed.), (2018), *História da Construção em Portugal: Consolidação de uma disciplina*. Lisboa: By the Book

SANTOS, Pedro André Carreira Barreiros dos (2014), *Caracterização de argamassas de cal aérea e terra. A influência do traço e tipo de fibra natural*. Lisboa: Dissertação de mestrado em Engenharia Civil – Perfil Construção, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa

MOREIRA, Margarida (coord.) (2004), *Relatório Final. Projeto de Investigação Património Rural em Portugal: um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

(disponível em: [http://home.fa.utl.pt/~camarinhas/prp\\_rel.pdf](http://home.fa.utl.pt/~camarinhas/prp_rel.pdf))

RODRIGUES, Jorge Miguel Vital (2010), *Principais técnicas de consolidação e reforço de paredes de edifícios antigos*. Lisboa: dissertação de mestrado em Engenharia Civil, na especialidade de Reabilitação de Edifícios, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

RODRIGUES, Andreia Catarina Gameiro (2016), *Argamassa industrial para a reabilitação de rebocos antigos*. Lisboa: dissertação de mestrado em Construção e Reabilitação ao Técnico de Lisboa

ROSSA e RIBEIRO (org.) (2015), *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio ( na sua redação atual, 3.ª versão DL n.º 25/2001, de 29/03)

Regime Jurídico da Reabilitação Urbana, Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro (na sua redação atual, 5ª versão DL n.º 66/2019, de 21 de maio)

Regime Jurídico da Urbanização e Edificação, Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro (na sua redação atual, 21.ª versão Lei n.º 118/2019, de 17/09)

Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Pombal

Lei de Bases do Património Cultural, Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro